



Editorial

Religião, territórios, redes e fluxos

Na sequência do *cultural turn*, da desconstrução e da renovação epistemológica pós-moderna, onde se destacam as novas abordagens temáticas e metodológicas das ciências sociais e humanas, a religião emerge como um enfoque científico fundamental para a interpretação de um número muito significativo de acontecimentos que marcam a história universal. Este poder hermenêutico que a religião assume, em diferentes dimensões e escalas de análise, tem sido, aliás, o tema central de obras contemporâneas de referência de autores como Yuval Noah Harari, Francis Fukuyama ou Douglas Murray, onde discutem religião, identidades e grandes mobilidades populacionais à escala planetária.

No campo académico é visível o reforço da religião nas linhas de investigação científica, com particular incidência no estudo de temas abrangentes e complexos como os que estruturam este número da REVER: a história e a geografia das tradições religiosas; as identidades e o pluralismo das cosmovisões religiosas; a difusão e a distribuição dos grupos religiosos, os lugares sagrados e a sacralização dos espaços, as comunidades religiosas, as territorialidades religiosas, as dinâmicas transnacionais, os fluxos, os movimentos e as redes de pertença e de sociabilidades religiosas, entre outros.

Todos estes temas são caros à geografia, desde o testemunho de autores como Fickeler, Deffontaines, Sopher, Bütner, Tuan, Stump, Park, Stoddard e Prorok, até autores mais recentes como Kong e Knott, entre outros

A singularidade da geografia da religião reside em acrescentar uma dimensão espacial aos estudos da religião, analisando o uso, a produção e a apropriação dos espaços face a um comportamento distinto do ser humano, com motivações ou devoções religiosas. Conjuga os aspetos físicos e centrados em conceitos eminentemente geográficos – espaços, lugares, territórios, comunidades, entre outros –, com as interpretações qualitativas e subjetivas do contexto religioso, como as identidades, os modos de vida, as práticas, os valores, as crenças, o sentimento de pertença ou de não pertença religiosa, a imaginação ou a perceção do religioso.

Tanto na esfera pessoal e íntima, como na esfera do espaço público, a geografia da religião analisa os indivíduos, os grupos ou as comunidades, analisa as suas fronteiras e as suas linhas de fratura, considera os múltiplos fluxos e movimentos de índole religiosa, esquematiza as complexas redes de pertença, reais ou virtuais, que se constroem. Tem em consideração as características inerentes a diferentes comunidades, grupos culturais ou a estilos e percursos de vida. Analisa as paisagens, incluindo as pós-representacionais que, para além dos elementos materiais considera os fatores imateriais como os sentimentos, as pertenças, as memórias, os rituais e as sonoridades, entre outros. Recorre por isso à etnografia, à antropologia, à filosofia, à sociologia e a outras ciências sociais para alcançar uma leitura mais abrangente da realidade.

Os tempos hipermodernos refletem, pois, uma realidade complexa, na medida em que, após a fratura das principais âncoras ou metanarrativas que conferiam estabilidade identitária aos indivíduos e aos grupos, a sociedade tornou-se mais aberta, dinâmica, fluída ou líquida. A alteração dos processos de identificação, obriga também a uma adaptação da religião aos novos contextos sociais e ao aparecimento de uma nova gramática do território. É, pois, profundamente pertinente e atual o debate em torno dos conceitos de identidade, religião e território que serve de suporte conceptual a este número da REVER.

Particularizando o primeiro conceito, importa sublinhar que os processos de desconstrução, de mutabilidade e de instabilidade das estruturas sociais, transformaram a identidade cultural numa realidade compósita, definida ao longo da vida por uma geometria variável e pela justaposição e multiplicidade de fatores identitários. Esta amálgama identitária resulta, na contemporaneidade, em identidades híbridas, fragmentadas, inacabadas e algumas até certo ponto contraditórias, refazendo continuamente o que somos e o que queremos ser no mundo.

Em muitos contextos, o ser religioso apresenta uma identidade religiosa consolidada que o acompanha ao longo da sua existência, em todas as fases da sua vida. No entanto, esta pode evoluir ou transitar consoante a incorporação, em diferentes dosagens, das suas experiências, vivências e sucessivas apropriações. Esta identidade tem também uma expressão demarcada nas suas múltiplas práticas sociais e nas suas vivências territoriais, permitindo misturar as mais variadas referências religiosas, algumas das quais contraditórias e independentes do sistema religioso ao qual pertence. Por vezes, o ser religioso para além de transportar em si pertenças antagónicas, vive na fronteira entre comunidades opostas, atravessadas por linhas de fratura étnicas, religiosas e outras (Maalouf, 1999, p. 47). Nesta perspetiva, cada pessoa tem a possibilidade e a liberdade de definir as suas afiliações, valores e crenças numa “mistura caseira” (Beyer, 1994, p. 226), sobretudo neste contexto pós-moderno, onde as filiações religiosas não são abrangentes nem exclusivas, não se definem por identidades únicas e por categorias de pertença singulares (Sen, 2006, p. 33).

Este deslocamento do conceito de identidade estende-se ao campo da religião, sendo que este foi marcado, no início do século XX, também pela emergência de novas ideologias, pela secularização e laicização da sociedade. Isto significa que, nalgumas comunidades e contextos geográficos muito específicos, a religião perdeu parte do seu peso na estrutura coletiva, perdendo o exclusivo da responsabilidade de interpretar e resolver muitos dos problemas da humanidade. No entanto, e de forma paralela, a religião continua a persistir como suporte da organização social, surgindo até novas identidades religiosas, novos processos de identificação religiosa, novos movimentos religiosos e novos lugares sagrados.

Com maior visibilidade no mundo ocidental, multiplicam-se os movimentos religiosos e as divergentes maneiras de viver a religião, muito mais particularizada e íntima e menos focada nas experiências coletivas vinculadas a uma só conduta religiosa. É valorizada uma vivência individual da religião, sendo esta mudança acompanhada pela substituição, na contemporaneidade, das fontes tradicionais de identidade, onde se inclui a religião, por um maior grau de negociação nos estilos de vida dos indivíduos.

A maior liberdade de expressão religiosa é acompanhada de uma escolha cada vez mais pessoal e menos centralizada no compromisso pessoal e familiar.

No contexto metropolitano, por exemplo, é central o debate sobre as sociedades híbridas e fragmentadas, ou sobre os territórios multi-identitários, onde confluem as mais diversas culturas e religiões, as pertencas e as não pertencas religiosas que, não obstante serem exemplos de inovação e de abertura nalgumas circunstâncias, são também sociedades que incorporam identidades religiosas contraditórias, opostas e em conflito latente. O debate mais mediático está, muitas vezes, entre aqueles que defendem e utilizam politicamente as identidades únicas e exclusivas e outros que, para evitar qualquer anacronismo, reconhecem as identidades compósitas.

Por último, focamos o território e as consequências mais visíveis da renovação geográfica a partir do processo lato de globalização, de urbanização, de terciarização da sociedade e da evolução científica e tecnológica sem precedentes. As teorias de compressão espaço-tempo e do sentido global de lugar, possibilitaram a multiterritorialidade dos fenómenos sociais, ou a múltipla organização territorial. À tradicional visão euclidiana de espaço fixo e definido por fronteiras e limites estáveis, acrescenta-se um espaço diferente e mutável. A partir de uma maior conectividade tecnológica, das novas métricas de acessibilidade e do reequacionamento dos conceitos de proximidade e de distância, foi possível transgredir o fixo, os limites lineares, as categorias estanques e os fluxos espaciais não-hierárquicos. Criaram-se descontinuidades, novas estruturas espaciais com divisões alternativas e novas formas de representação cartográfica como o território-rede ou o território flexível que incorporam as noções de mobilidade transnacional, nós interligados, conexões de fluxos e redes de ligação. Ocorre a sobreposição sucessiva ou concomitante de diferentes espaços multifuncionais e multi-identitários, com diferentes dimensões, escalas, interações espaciais e temporais.

Em concreto e a título de exemplo, a internet, as redes sociais e as sociabilidades digitais inovadoras, não substituindo nem se sobrepondo às velhas relações de proximidade geográfica, acabam por tornar as vivências e as práticas religiosas mais híbridas e flexíveis. Manuel Castells (2007) reforça esta ideia com algum otimismo, referindo-se à passagem das comunidades físicas, espaciais e reais às comunidades virtuais ou sociedades em rede definidas pelos espaços de fluxos, pelo tempo atemporal, pela linguagem digital universal, pela realidade virtual implicando uma nova cultura, um novo paradigma comunicacional e uma diferente forma organizacional e relacional.

Ou seja, no contexto da religião, os diferentes grupos ou comunidades de pertença passam a beneficiar desta nova base territorial, dando consistência às comunidades religiosas transterritoriais (Teixeira, 2017). Na atualidade, o maior acesso, flexibilidade, velocidade e instantaneidade com que as relações ocorrem, permitiu reconfigurar as sociabilidades e as comunidades religiosas, cada vez mais distendidas no espaço, fragmentadas, descontínuas, itinerantes ou nómadas (Teixeira, 2011), dando corpo ao “andarilho” de Simmel (1971) ou aos sucessores do “peregrino” de Bauman (2007).

No que concerne à organização do nosso dossiê temático, optámos por uma divisão em duas partes. A primeira é, essencialmente, de cariz teórico. Aqui, reunimos os trabalhos que enquadram de uma perspetiva mais abstrata as questões relativas à religião, aos territórios, às redes e aos fluxos. Através dos quatro primeiros artigos podemos

apreciar as configurações tradicionais e modernas relativas aos fluxos de populações e ideias, à disseminação da mobilidade e à expansão da comunicação em rede e da ecoespiritualidade.

No primeiro artigo, Enzo Pace (Universidade de Pádua, Itália) ao utilizar o caso do Judaísmo Messiânico e ao colocá-lo no contexto da luta contemporânea pela sacralização dos territórios da Cisjordânia, Península do Sinai, Faixa de Gaza e dos Montes Golá, ajuda-nos a estabelecer a ponte entre o tradicional e o hodierno. Esse trabalho, organizado ao longo de cinco seções essenciais, mostra como dois movimentos Messiânicos (Chabad e Gush Emunim) agem através de uma política toponímica, semelhante à noção de *mundus imaginalis* de Henri Corbin. Aqui, o território é mais do que um bem duradouro que garante a sobrevivência de um grupo de indivíduos unidos por interesses vitais comuns. Ele é também entendido como um mundo “imaginal”, entre o céu e a terra, que visa sacralizar o território com vistas à vinda do Messias. Na sequência do primeiro artigo encontramos o de Maria da Graça Mouga Poças Santos (Instituto Politécnico de Leiria, Portugal) que também aborda, teoricamente, a questão do território através do binómio tradição-modernidade. Através das lentes da peregrinação, o artigo procura sistematizar suas diferentes vertentes históricas ou subsistentes com o intuito de nos dar a compreender a complexidade desse fenómeno nas sociedades modernas. Com a análise taxonómica e a sistematização das características que revestem as peregrinações, a autora torna mais evidente a diversidade e a contemporaneidade desta forma mobilidade religiosa, antiga e singular. O terceiro artigo dessa secção de pendor mais teórico é de Jefferson Rodrigues de Oliveira (UERJ, Brasil). Nesse trabalho, diferentemente dos anteriores, o autor adentra na questão do território/geografia através dos novos interfaces (mediáticos e ciberespaciais) do sagrado na hipermodernidade. Esse artigo, dividido em três partes essenciais, permite-nos compreender o interesse da geografia pela religião, que ocorre com base na relevância simbólica do sagrado e sua espacialidade, as mutações da sociedade capitalista hipermoderna e a hipermodernidade digital. O autor, que tem como campo de investigação empírico a Igreja Católica, conclui que os atuais mecanismos de difusão da fé são alvo de disputas políticas e económicas pela manutenção de territórios religiosos e devotos. O último artigo dessa parte, da autoria de Emerson José Sena Silveira (UFJF, Brasil) e João Paulo Silveira (UFG, Brasil), vem no seguimento do anterior, prosseguindo a questão dos novos territórios contemporâneos de espiritualidade. Esse trabalho discute a relação entre ecologia e religião na modernidade, procurando examinar se a ecoespiritualidade pode ser entendida como uma nova gramática espaço-temporal. Os autores, analisando as novas concepções e práticas religiosas, estimuladas pelas contingências ecológicas, avançam a hipótese de que a ecoespiritualidade se contrapõe à teleologia do progresso, apontando para uma sensibilidade ambiental que tem como horizonte holístico a relação entre humanos e não humanos.

Após as reflexões teóricas – sobre espaço e religião, tradição e modernidade – encetadas na seção anterior de nosso dossiê temático, entramos na sua segunda parte de cariz, fundamentalmente, empírico. Nesta secção, agrupamos os artigos que, no essencial, trabalham as questões do território, das redes e dos fluxos através de estudos de caso. O primeiro artigo dessa segunda parte é o de Helena Vilaça e Maria Osório

(Universidade do Porto, Portugal) e tem como estudos de caso duas igrejas evangélicas (Hillsong e Surf Church) da cidade do Porto, formadas sobretudo por jovens urbanos. Nesse trabalho, as autoras estudam, através de perfis sociológicos do público-alvo, a relação entre cidade e religião em uma das cidades mais populosas de Portugal. Conclui-se que a cidade contemporânea é uma espécie de grande laboratório para o desenvolvimento de novas práticas religiosas, porquanto as igrejas, dentro de um processo constante de renegociação da religião no espaço público, defendem que a cidade deve ser um espaço estratégico de evangelização. Por seu turno, o artigo de João Ferreira Dias (ISCTE-IUL, Portugal) faz a etnografia de uma festa de Yemanjá celebrada no terreiro Candomblé das Barreiras (Cadaval, Portugal). Nesse trabalho, o autor analisa as interpenetrações entre o religioso e o lúdico, entre a autenticidade baiana, os ritos próprios do Candomblé reafrikanizado de São Paulo e sua adaptação ao mercado religioso português e europeu. Com isso somos conduzidos a revisitar as normatividades e o conceito de reafrikanização do Candomblé, olhando para as múltiplas ortopraxias associadas às posições de *pós-autenticidade africana*. Continuando com um estudo de caso europeu, Zeny Rosendahl (UERJ, Brasil), leva-nos até ao Santuário da Medalha Milagrosa, em Paris, França, para olharmos a cidade através do seu contexto cultural e do elo espaço, tempo e religião. O seu principal objetivo é, ao longo de quatro secções, acompanhadas de iconografia vária, ressaltar a função espacial religiosa do Santuário. Aqui, a espacialidade (devocional ou turística) transforma a cidade num «complexo mosaico de formas espaciais irregulares e superpostas», como escreve a autora.

Com o artigo seguinte, entramos nos estudos de caso brasileiros. O trabalho de Gismair Martins Teixeira (UFG, Brasil) debruça-se sobre a questão dos territórios, da mobilidade e da biografia no espiritismo franco-brasileiro. Associando o conceito de territorialidade à ideia de mobilidade, o autor convida-nos a conhecer a trajetória do médium Divaldo Pereira Franco, de modo a podermos compreender as idiosincrasias da mobilidade espacial espírita codificada em França por Allan Kardec. No artigo seguinte, da autoria de Marcos Gonçalves e Fábio Luiz Machioski (UFPR, Brasil), discute-se o papel do discurso religioso na construção da identidade etnocultural dos imigrantes italianos que se instalaram na região de Curitiba no final do século XIX. Os autores procuram, ao longo de três secções, entender como a religião permitiu devolver um sentimento de pertença coletiva entre esses imigrantes e como os recolocou num lugar social considerado como original. O artigo subsequente é o resultado de uma tripla colaboração entre Mirleide Charr Bahia, Léa Maria Gomes da Costa e Paulo Afonso Dias de Lima (UFPA, Brasil). No seu trabalho, os autores pretendem entender o fenómeno de expansão de territorialidade religiosa através da análise de uma Igreja de rito pentecostal, a Igreja Profética Batista da Restauração, Belém-PA. Com o recurso a pesquisas de campo e entrevistas semiestruturadas, os autores mostram as vicissitudes e as dificuldades inerentes a uma ampliação territorial baseada em diferentes células, principalmente em contexto urbano. Por seu turno, Alesca Prado de Oliveira (UFU, Brasil) e Alessandro Gomes Enoque (UFMG, Brasil), adentram na esfera da IURD – Igreja Universal do Reino de Deus para examinarem as dinâmicas relacionais entre sagrado e género. Por meio da análise do projeto da IURD para as mulheres, designado *Godllywood*, os autores abordam a dicotomia entre o tradicionalismo evangélico e a

aceitação dos novos valores da sociedade. O penúltimo artigo, da autoria de Dilaine Soares Sampaio e Gustavo Cesar Ojeda Baez (UFPB, Brasil), procura examinar as estratégias de sacralização dos espaços públicos costeiros, nas festas populares religiosas dos pescadores artesanais de João Pessoa-PB. Num trabalho dividido em duas partes essenciais – numa primeira o enfoque está na caracterização das comunidades tradicionais e das festas religiosas populares, enquanto numa segunda o foco está na etnografia da Festa de São Pedro Pescador – os autores mostram como esses processos de sacralização dos territórios pesqueiros, além de cumprirem múltiplas funções sociais, se configuram como uma estratégia coletiva de resistência e reprodução cultural. Finalmente, no artigo que conclui o nosso dossiê temático, João Guilherme da Trindade Curado (SEDUC/GO, Brasil) debruça-se, através da análise da Procissão do Senhor Jesus dos Passos em Pirenópolis-GO, sobre as várias possibilidades de difusão da fé pelo espaço. Neste trabalho, com forte componente investigacional participativa, o autor propõe uma reflexão sobre essa manifestação pública de fé católica. Isso permite-nos compreender a sacralização da territorialidade, ocorrida pela extensão ritualística do préstito religioso, com toda a efemeridade do deslocar, situada fora do espaço físico das igrejas e capelas.

Feita a devida introdução dos trabalhos ora coligidos, resta-nos desejar que o(a) leitor(a), em face ao nosso esforço de abrangência teórica e empírica, interdisciplinaridade e internacionalização deste dossiê temático sobre religião, territórios, redes e fluxos, considere suas leituras tão informativas e frutuosas quanto foram para nós, coordenadores deste dossiê, ao longo dos últimos meses de organização do v. 19, n. 3 (2019), da REVER: Revista de Estudos da Religião.

Como última palavra, gostaríamos de fazer nosso agradecimento público à equipa da REVER, nas pessoas dos seus editores Frank Usarski, Wagner Lopes Sanchez e Alfredo Teixeira e de seu produtor editorial Fábio Stern.

Margarida Franca (UC)
Jorge Botelho Moniz (UCP)

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *A Vida Fragmentada: Ensaios sobre a moral pós-moderna*. Lisboa: Relógio D'Água, 2007.

BEYER, Peter. *Religion and Globalization*. London: Sage, 1994.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia Internet: Reflexões sobre internet, negócios e sociedade*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

MAALOUF, Amin. *As Identidades Assassinas*. Lisboa: Difel, 1999.

TEIXEIRA, Alfredo. Da paróquia territorial à comunidade transterritorial. In: FRANCO, José Eduardo & PEREIRA, José Carlos Seabra (Org.). *Portugal Católico: A beleza da diversidade*. Lisboa: Temas e Debates; Círculo de Leitores, 2017, pp. 125-127.

TEIXEIRA, Alfredo. Identidades descompactadas: práticas e sociabilidades crentes no campo católico. *Theologica*, Braga, 2. série, v. 46, n. 2, pp. 249-271, 2011.

SEN, Amartya. *Identidade e Violência: A ilusão do destino*. Lisboa: Tinta da China, 2006.

SIMMEL, Georg. *On Individuality and Social Forms: Selected Writings*. Ed. and Trans. D. Levine. In: OAKES, Timothy S.; PRICE, Patricia L., *The Cultural Geography Reader*. Routledge, Oxon; Taylor & Francis, 1971, pp. 311-315.